

A psicanálise no Rio Grande do Sul: História e histórias

Cláudio Laks Eizirik

Revista Brasileira de Psicanálise
número especial, p. 112-127 · 2017

Resumo

O autor relata episódios marcantes do surgimento e do desenvolvimento da psicanálise no Rio Grande do Sul, enfatizando o papel decisivo e complementar desempenhado por Mário Alvarez Martins e Cyro dos Santos Martins. Baseado em depoimentos de colegas, em relatos objetivos de fatos e em suas próprias lembranças, aborda a relação da psicanálise com a universidade, a psiquiatria, a saúde mental e a cultura, descreve as principais influências teóricas e clínicas ao longo das décadas e procura destacar os aspectos mais marcantes do momento atual.

Palavras-chave

psicanálise; história da psicanálise; Mário Martins; Cyro Martins.

CLÁUDIO LAKS EIZIRIK é membro efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre SPPA.

As onze horas do dia dezesseis de dezembro de mil novecentos e trinta e três, presentes na secretaria desta Faculdade os seus Professores Sarmiento Leite, Diretor, Dr. Felisberto Rath, Secretário, compareceram os graduandos Cyro dos Santos Martins e Mário Alvarez Martins, que prestaram o seguinte juramento, tendo cada um deles dito: “Eu prometo no exercício da profissão médica sempre ser fiel aos deveres da honra, da ciência e da caridade. Ao penetrar nos lares meus olhos serão como cegos. Minha boca muda no absoluto respeito dos segredos que me forem revelados e jamais me servirei da profissão para corromper os costumes ou favorecer o crime.” Ao que o Diretor responde: “Lede e meditai as obras do Pai da medicina. Regule-se vossa vida pela dele e os homens cobrirão de bênçãos vossos nomes. Aceitai este anel como símbolo do grau que vos confiro. Ide. Podeis exercer e ensinar a medicina.” Os presentes conservaram-se de pé durante a cerimônia, finda a qual lavrou-se este termo. (*Livro de Atas da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*, 1933, p. 93)

Muitos anos depois, Cyro Martins (1993) relataria o episódio com seu talento literário:

Dominava o entusiasmo da formatura. E sobreveio a clássica disputa entre a casaca e o linho branco. Houve pleito renhido. Venceu o linho branco. Para Mário e para mim pouco importava a preferência da turma por este ou aquele traje para a cerimônia solene. Total, contávamos mesmo era com nosso terninho puído, já cansado de guerra. Assim, não por modéstia nem por

birra contra os colegas, com os quais nos dávamos bem, mas por absoluta necessidade, colamos grau na secretaria da Faculdade, perante o velho Sarmiento. Os custos do linho branco ultrapassavam de longe as nossas nenhuma posses, por mais que cavocássemos no forro dos bolsos. Desce-mos a escadaria da Faculdade, caminhamos cem metros juntos, nos despedimos e cada um agarrou o seu rumo. (p. 136)

Quando recebi de Daniel Delouya e de Silvana Rea o convite para escrever um texto narrando a minha versão sobre a história da psicanálise do Rio Grande do Sul, lembrei-me desse relato de Cyro e fui à procura de material escrito por diversos colegas sobre o tema. Encontrei uma cópia dessa ata da Faculdade de Medicina, entre tantos textos que foram aparecendo.

Há muitos bons relatos sobre os primórdios da psicanálise em nosso estado (por exemplo: Eizirik & Armesto, 2005; Federação Brasileira de Psicanálise [FEBRAPSI], 2015; Guedes, 1978; C. Martins, 1993; Ribeiro, 1961/2014; Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre [SPPA], 2014; Vollmer Filho, 1995; Zimmermann, 1983), mas, aos poucos, também me ocorreu que tive o privilégio, ao longo dos anos, de conversar com muitos dos personagens dessa história e de ouvir deles sua versão dos fatos e dos inevitáveis conflitos e tensões que os acompanharam. Lembro, com saudade e gratidão, momentos compartilhados com Mário Martins, Cyro Martins, Roberto Pinto Ribeiro, Luiz Carlos Meneghini, Sérgio Paulo Annes, David Zimmermann, Isaac Pechansky, Romualdo Romanowski,

Germano Vollmer Filho, em que pude, de alguma forma, viver através deles essa bela história de um empreendimento pioneiro, do qual minha geração e as seguintes foram também fazendo parte.

Mas o que me foi pedido, neste número comemorativo dos 50 anos da ABP/FEBRAPSI, é a minha versão dessa história. Há a grande História, com H maiúsculo, a dos acontecimentos, das batalhas, das datas marcantes. Nela, temos dados de sobra para homenagear nossos pioneiros, desde Freud, que foram estabelecendo, em cada sociedade e em cada região, a inserção da psicanálise, enfrentando os desafios, incompreensões e oposições que vinham ora do mundo externo, ora de dentro do próprio grupo de pioneiros, ora de seu mundo interno, com as inevitáveis resistências para trabalhar com essa matéria explosiva e perigosa – o inconsciente (Eizirik, 2012). Há também a pequena história, a história vista dos pequenos espaços, dos encontros e desencontros, dos episódios, na linha dos estudos de Carlo Ginzburg (1988) e Philippe Ariès (1960/2006), algo que se poderia descrever como a ciência do particular e da vida diária comum.

Cyro Martins (1993), num trabalho, perguntava-se: o que estaria na mente de Ángel Garma quando seu navio se aproximava do porto de Buenos Aires? Acrescento: o que terão sentido Cyro e Mário ao se despedirem e “cada um agarrar o seu rumo”? O que teria sentido Mário ao se apresentar no consultório de Garma para começar sua análise, a primeira de um estrangeiro a iniciar a formação analítica, em 1944?

Nada mais podemos fazer senão imaginar esses momentos. Ou tentar, através de depoimentos e de lembranças pessoais, percorrer aqueles eventos fundadores.

Na minha versão dessa história, essa colação de grau em medicina é emblemática e captura, no que Javier Cercas (2012) denomina de *anatomia de um instante*, as marcas identificatórias da psicanálise gaúcha e os dois personagens centrais que moldaram seu início e seu posterior desenvolvimento. Dois jovens sem poses, de hábitos simples, cheios de sonhos, enfrentando uma realidade difícil (doenças dos pais), diante de um ícone, Sarmento Leite, que os autoriza a exercer e ensinar a medicina.

Ambos, apesar do mesmo sobrenome, não tinham qualquer parentesco, mas mantiveram, desde a juventude, uma sólida amizade. Certa ocasião, em um evento, eu estava ao lado de Mário e vi que Cyro se aproximava. Mário sorriu e me disse: “Os irmãos Martins.” Cyro, avaliando a história dessa longa relação, destacou que haviam convivido durante aproximadamente meio século, repartindo muitas vezes as próprias fraquezas; Mário sempre muito lúcido, Cyro mais inquieto, o que o levou a concluir que quem tirava mais proveito daquela intimidade era ele (C. Martins, 1993).

Acredito, assim, que pode ser útil, em especial pensando nos jovens analistas ou estudantes para os quais esses nomes significam instituições de ensino, retratos nas

paredes ou nomes de anfiteatros, ou que têm uma vaga noção de sua importância histórica, tentar reencontrá-los num relato mais coloquial, esboçar suas relações com outros pioneiros e seguidores e sua progressiva construção do que hoje conhecemos como a psicanálise do Rio Grande do Sul.

Eram diferentes em muitas coisas: fisicamente, nos traços de personalidade, nas trajetórias de vida, mas semelhantes numa característica comum: a grande coragem de enfrentar desafios e de perseguir um mesmo objetivo. Mário voltado mais para dentro da Sociedade e do Instituto, analisando incontáveis candidatos, supervisionando, dando seminários. Cyro, embora fazendo o mesmo (lembro-me de seus seminários, recheados de expressões gauchescas e uma fina ironia), também voltado para o mundo em que vivemos, num incansável trabalho de divulgar a psicanálise e motivar médicos, psiquiatras, intelectuais, psicólogos para uma visão psicanalítica, ao mesmo tempo que desenvolvia uma das mais importantes trajetórias literárias do estado.

Ambos nasceram no interior do Rio Grande do Sul, na região da fronteira: Cyro em Quaraí, Mário em Santana do Livramento. Conforme relatou Cyro, conheceram-se na rua da Praia, que era a passarela da beleza e do talento rio-grandense, por cujas calçadas circulavam jovens bonitas, políticos prestigiosos, intelectuais e jovens promissores, como os dois Martins, Mario Quintana e outros. O que os teria

aproximado, de início, foi a inquietação literária, pois se vivia, na província, a ressaca da Semana de Arte Moderna, que repercutia nos vários centros intelectuais do país, bem como os fogos cruzados da campanha sucessória de 22, da Revolução de 23 e dos vários levantes de 24, que culminaram na Coluna Prestes (C. Martins, 1993).

Traçando um perfil dos irmãos Martins

Já nesse período, Mário era um jovem talentoso, com uma peculiar capacidade de fugar o ridículo das situações mais diversas, o que servia para estabilizar os arrebatamentos de Cyro e dos demais. Tinha um senso de humor muito vigilante para os flagrantes de vaidade e, nesses momentos, ria com gosto (C. Martins, 1993). Muitos anos mais tarde, eu lhe falava, com perplexidade, de um colega que cobrava uma quantia exorbitante dos pacientes, ao que Mário deu uma risadinha e disse, com ironia: “Ah, mas ele é um grande analista! É o que cobra mais caro!”

Para Zimmermann (1983), Mário surpreendia pela independência de pensamento: avaliava os conceitos teóricos com bom senso, elasticidade e bom humor. No trabalho clínico, tinha especial capacidade para pinçar detalhes que, muitas vezes, pareciam inocentes ou sem maior significado, mas que, quando bem analisados, permitiam reconstruir aspectos importantes do paciente e aprofundar a compreensão de seus conflitos. Tinha invulgar sensibilidade para distinguir o essencial do secundário, e era dotado de sólida base teórica e

facilidade em demonstrar as conexões no material clínico.

Como muitos psicanalistas, e um considerável número de médicos e professores, tive o privilégio de me beneficiar da presença humana e da sensibilidade clínica de Mário Martins. Num primeiro momento, ainda na Faculdade de Medicina, eu fazia parte de um grupo de amigos interessados pela psicanálise, entre os quais havia a fantasia compartilhada de que Mário não existia, era uma invenção do David, do Paulo Guedes, do Roberto Pinto Ribeiro, do Cyro e de outros analistas muito presentes na cena cultural e científica. Com sua proverbial discrição, Mário não era muito visto publicamente.

Até que um dia, desejando fazer a formação analítica, soube que ele seria um dos entrevistadores. Tantos anos passados, recordo com nitidez detalhes do seu consultório, das lombadas de livros, de um quadro de Fayga Ostrower, da entrevista em si e do sentimento de estar na presença de uma pessoa que despertava total confiança e imediata afeição. Os anos seguintes tiveram uma influência marcante na minha maneira de sentir, pensar, buscar entender o que se passava comigo e exercer a psicanálise. Mário não falava muito; escutava com visível empatia e fazia intervenções precisas, concisas e de evidente expressão de que estava entendendo o que se passava.

Como diz Cyro, Mário era brabo e afável, sorria facilmente e era dotado de um alto grau de isenção (C. Martins, 1993). Naquele período, predominava uma versão fortemente kleiniana na teoria e na

técnica, e um dos meus supervisores era mais ortodoxo que caixinha de Maizena. Num natural movimento de dissociação entre analista e supervisor, passei a desfechar críticas à forma como Mário interpretava. Como já foi destacado, ele sempre teve grande independência de posicionamento, e imagino que deveria perceber o exagero daquela moda. Mas, numa atitude desafiadora, eu seguia nessa campanha, até que percebi que ele tamborilava na guarda da sua poltrona, evidente sinal do perigo. Depois de manter sua neutralidade possível por mais algum tempo, disse-me, após as devidas interpretações, que esse negócio de ficar dizendo: “É comigo, é comigo” era coisa fácil, mas que mais parecia um escrivão de polícia tomando notas e redigindo mecanicamente do que um analista se perguntando sobre as múltiplas possibilidades e sutilezas da transferência, sem precisar dessa suposta tradução consecutiva. Como ensinava Roberto Pinto Ribeiro, um oportuno apelo ao ego, muitas vezes eficaz.

Zimmermann (1983) destaca também o desejo e a aptidão de Mário para harmonizar tudo o que fosse possível, especialmente nos grupos de analistas, tarefa que nunca é fácil. Isso lhe permitia superar situações tensas pela capacidade de reconhecer seus próprios erros. Numa das mais tensas situações por que passou a Sociedade, num conflito que poderia ter levado a um desfecho traumático e sobre o qual tempos depois recolhi as versões dos principais envolvidos, naturalmente diferentes

entre si, a solução do impasse foi dada por Mário, com essa atitude.

Muitos anos depois, encontrei-me numa situação algo semelhante, cercado por inúmeros colegas ululantes, de várias regiões, indignados por algo que eu teria feito sem as devidas consultas. O que fazer? Lembrei-me do que ouvira, de Mário e dos demais envolvidos naquele episódio distante; segui o seu exemplo e as coisas se acalmaram, sendo possível seguir adiante.

Segundo Zimmermann (1983), Mário não dava importância e até tinha certo rechaço pelas formalidades; cultivava uma vida simples e despretensiosa, conforme os hábitos de vida dos gaúchos da fronteira. Era uma pessoa bondosa, mas não boazinha, e ficava claro que tinha certa timidez. Como não fazia rodeios, era ao mesmo tempo um crítico rigoroso, direto, e buscava ser imparcial com os demais e em especial consigo mesmo. Tinha particular intolerância com a indiscrição e aversão por pessoas intrigantes. Como sempre exigiu demais de si mesmo, tinha extremo cuidado com seus estudos e trabalhos, o que o levou a não chegar a publicar sobre muitos temas que estudava com cuidado, como os índios brasileiros, a mentalidade primitiva e a etologia.

Mas deixou consistentes trabalhos, reunidos no livro *Epilepsias e outros estudos psicanalíticos* (1983), entre os quais se destacam aspectos técnicos no tratamento psicanalítico de depressão, mania, onipotência, psicodinamismos e fantasias

inconscientes na menstruação e ovulação, transferência, *acting out* e situações traumáticas primitivas. Essa publicação, segundo Vollmer Filho (M. Martins, 1983, quarta capa), além de uma homenagem ao professor emérito, foi a imposição de um dever – levar suas ideias e o resultado de suas pesquisas para mais além do círculo daqueles que tiveram a ventura de com ele conviver. Ela documenta o que seus pacientes e colegas sempre admiraram: dotado de agudo senso de percepção do inconsciente, Mário Martins caracterizava-se pela rapidez na apreensão da realidade psíquica e pela clareza na interpretação do material clínico.

Cyro Martins, por sua vez, era dotado de simplicidade e discrição, sem afetação, como costumam ser os homens do interior, e não apresentava uma curiosidade mórbida tão encontrável por aí, nem se vangloriava de quem quer que atendessem (Annes, 1999). Sua trajetória constitui um belo exemplo de bem viver: é a história de alguém que parece ter procurado desvendar, ao longo de sua existência, o mistério não da morte, mas da vida, sabiamente desenvolvendo um apurado senso ético e estético. Sua dedicação ao trabalho literário, aproveitando o rabo das horas, como dizia, sua capacidade de aproximar as pessoas, sua tolerância com as diferenças e sua alegria contagiante evidenciam que vislumbrou na convivência amorosa uma forma criativa de viver (Costa, 1999).

O livre trânsito de Cyro pelas áreas da ficção e da psicanálise empresta especial relevância para suas reflexões sobre os processos desenvolvidos nessas duas atividades.

Ao comparar arte e psicanálise, Cyro assinala semelhanças e diferenças entre o método de pesquisa psicológica científica e aquele da elaboração artística. Embora às vezes quase se confundam, seus objetivos finais são diferentes. “Da ciência”, escreve Cyro, “exigimos verdades, da arte exigimos beleza.” E observa ainda:

O ato da Criação requer uma certa atitude ingênua, que é a dimensão poética do espírito. Essa atitude de permeabilidade às vozes que comandam sua vida interior põe o artista em presença de outro si mesmo, assim como a associação livre do paciente e a atenção flutuante do psicanalista, combinadas, produzem o *insight* na situação analítica. (C. Martins, 1970, citado por R. Martins, 1999, p. 123)

Para todos tinha uma palavra, um agradecimento especial, algo que se referisse à história que sabia manter com cada um, como se o acompanhasse de perto. E assim nos sentíamos com Cyro: acompanhados, prestigiados, respeitados. Cyro gostava de estar conosco e sua memória prodigiosa jamais esquecia o que falávamos – nossos pequenos gestos eram lembranças assinaladas por ele a todo novo encontro (Gus, 1999). O Cyro escritor era também o Cyro amigo e o Cyro terapeuta. Sua literatura, sempre realista e por vezes abordando uma sombria conjuntura, era no entanto amável. Amável ele era também com as pessoas que conhecia. E amável como terapeuta... O tratamento em grupo estava longe de ser uma conversa amena. Conflitos estalavam, às vezes de forma súbita. Lembro o doutor Cyro nessas sessões. E lembro-o

amável. Nada fazia desaparecer o discreto, terno sorriso que exibia sempre. Era uma perfeita figura paterna, ele. E era mais que um médico: era alguém que conhecia a vida não por ter lido a respeito, não por ter sido treinado para enfrentar problemas da existência alheia, mas por ter elaborado dentro de si mesmo profundas experiências vitais. Às vezes, em plena sessão, contava uma historinha qualquer (Scliar, 1999).

Quem teve a oportunidade de conviver com Cyro Martins por muitos anos conclui naturalmente que se tratava de um homem singular. Afável, comunicativo e de fala mansa, sempre pronto para uma gargalhada, sabia cativar o interlocutor sem usar artifícios. Levantava a voz apenas para discursar, mas sempre com aquele meio sorriso que lhe era tão peculiar. Eu conhecia Cyro, mas não havia convivido com ele assim, com um contato diário, como uma longa viagem proporciona. Atento, olhos abertos aos detalhes da história do Velho Mundo, percorrendo as capitais mais importantes da Europa, ele se mostrava sempre disposto a andar um pouco mais. Ia registrando, ao seu estilo, as impressões que aqueles lugares lhe causavam, revelando a cada instante o homem sensível que era (Pechansky, 1999).

Muitas águas correram desde 1957, quando Fernando Guedes, Sérgio Annes, Germano Vollmer e eu começávamos, sob a orientação de Cyro, nosso primeiro seminário psicanalítico sobre a obra de Freud. Seguro, competente e cordial, ele fazia nossa iniciação nos mistérios de

uma ciência e de uma arte sobre as quais publicou obra tão vasta. Representava um modelo de psicanalista que não se cinge ao terapeuta em busca da cura, ou ao frio investigador; era um espírito interessado em integrar o conhecimento analítico com outros setores da medicina e das ciências do homem (Meneghini, 1999).

Cyro, em seu humanismo, ficou marcado pelo sofrimento do homem do campo e por todas as vicissitudes da angústia do ser humano, quer ele esteja no campo, quer se encontre na cidade. O resultado não poderia ser outro, conhecendo Cyro e seu denodo, como nós conhecemos: de um lado, a *Trilogia do gaúcho a pé*, clássico de nossa literatura; de outro, uma outra tríade, ou seja, a formação em neurologia, psiquiatria e psicanálise, no melhor estilo de um dos homens a quem admirava, Freud (Mabilde, 1999). Durante sua vida, Cyro dedicou dez horas de cada dia à prática clínica da psicanálise, com seus pacientes e candidatos. Outras horas mais à atividade docente, em seminários e supervisões. No tempo que lhe sobrava, expandia sua participação e presença para além do campo da geografia da psicanálise, em várias áreas do conhecimento. Contribuiu assim, de maneira significativa, unindo psicanálise, ciência e cultura, através da literatura, o seu outro veio produtivo (Faria, 1999).

Cyro, até onde podia, gostava de participar, estar presente, prestigiar os colegas mais jovens. Numa sessão de temas livres, no congresso da FEPAL (Federação

Psicanalítica da América Latina) de 2000, em Gramado, às 13h30, numa sala com poucos assistentes, lá estava o velho Cyro, sentado, de braços cruzados, ouvindo com visível satisfação e interesse (R. Levy, comunicação pessoal, 2016).

A primeira vez que ouvi falar de Cyro foi por meu tio mais querido, que era paciente de um de seus grupos de psicoterapia analítica. A segunda, através do seu livro *Do mito à verdade científica* (1964), que foi um dos estímulos, como a muitos colegas, para enveredar pela psiquiatria e pela psicanálise. Ao longo das décadas, houve uma aproximação crescente, pela leitura de seus livros e, depois, por conversas e encontros. Vejo-o, por exemplo, chegando, lépido e faceiro, com seu filho Cláudio, ao saudoso Estádio Olímpico, para assistir a mais um jogo de seu (nosso) Grêmio. Vejo-o, no recesso de seu gabinete, em casa, contando histórias da psicanálise e de sua vida, marcada por sofrimentos e superações. Ouço-o pronunciando, ao comemorar seus 84 anos bem vividos, seu sábio e saboroso “discurso de tira”. Vejo-o nas reuniões da Sociedade, sempre presente, atento, participativo. Por fim, vejo-o no hospital, no final de sua vida, olhando-me e dizendo: “Então, vieste assistir ao último ato do drama da existência humana?” Sem queixas nem amargura, como quem enfrenta uma realidade inevitável, como sempre fez, com coragem e dignidade.

Caminhos cruzados

Após esse relato fragmentário de como eram percebidos por colegas e amigos,

façamos uma rápida viagem pelo que aconteceu aos dois amigos. Mário e Cyro ingressaram na Faculdade de Medicina e logo se interessaram pela psiquiatria; depois, pela psicanálise, e começaram a ler os livros de Freud então disponíveis. Além de lerem, com outros colegas, as obras de Freud, assistiram a aulas como as de Celestino Prunes, professor de medicina legal, Luís Guedes e Décio de Souza, alimentavam o sonho de seguir uma carreira psiquiátrica e psicanalítica.

Após a formatura, foram trabalhar no interior, por três ou quatro anos, como clínicos. A seguir, Cyro foi estudar neurologia no Rio de Janeiro e, em 1937, reencontraram-se em Porto Alegre. O Estado Novo, recém-instaurado, decidiu, por seus interventores nos estados, promover concursos para os cargos públicos. Com isso, ambos se tornaram psiquiatras do Hospital São Pedro, o principal dessa área no Sul do país, o que também os autorizava a abrir consultório para atender com os poucos recursos da época. Mas, no inverno de 1943, “numa tarde sombria, dessas que tornam mais curtas as esperanças da gente, nos apareceu no consultório um senhor argentino, oferecendo a assinatura da *Revista de Psicoanálisis*, flamante, e nos deixou os dois primeiros números” (C. Martins, 1993, p. 139). Em 1944, com sua esposa Zaira, Mário viajou a Buenos Aires para fazer sua formação analítica. Zaira igualmente realizou a formação e se tornou a pioneira da análise de crianças e adolescentes em nosso estado.

Quando foram celebrados os 70 anos de Mário, Fernando Guedes (1978), então presidente da SPPA, assim se referiu a ela:

Sentar-se ao lado da Zaira, nas reuniões científicas da Sociedade, é coisa que sempre cuidei de fazer, porque se aprende muito. Ela não gosta de dar opiniões ao plenário; mas dá para as laterais. E que opiniões sensatas, que observações argutas sobre casos clínicos ou proposições teóricas. Zaira é a responsável pelo desenvolvimento da psicanálise infantil entre nós, a formadora das gurias, como ela as chama (Marlene Araújo, Nara Caron, Emília Messias, Beatriz Picolli, Ruth Matz). (p. 608)

E, de fato, depois de uma longa preparação e um exemplar trabalho, a Sociedade conta formalmente com uma formação em crianças e adolescentes desde 1997.

De volta a Porto Alegre, no dia 2 de fevereiro de 1947, Mário Martins iniciou o exercício da psicanálise em nosso meio. Foi procurado e aceitou vários médicos psiquiatras para análise pessoal, marcando assim o início da formação analítica no Rio Grande do Sul. Mas também retornou ao seu trabalho no Hospital São Pedro, atendendo pacientes psicóticos de uma nova maneira, fazendo-os sentir que podiam expressar suas ideias confusas e contraditórias. Isso causou profundo impacto em colegas e alunos, motivando muitos a estudar psicanálise, e lançou as bases da psiquiatria dinâmica no estado (Zimmermann, 1983).

A primeira menção psicanalítica foi localizada no prontuário do paciente E. W. N., 18 anos, branco, solteiro, com

diagnóstico de epilepsia, na Divisão Pinel, na letra de Mário Martins, em 8 de maio de 1947:

Merecem registro os seguintes dados: 1. Sobre o conteúdo das crises: refere que passadas as mesmas, tem sempre a impressão de ter sido agredido por um homem pelas costas; que esse homem se atira sobre seu corpo; uma outra vez teve um sonho com uma mulher, uma moça, que o fazia subir uma escada dando-lhe a mão e em certa altura quebrava-se um degrau, o que ocasionava uma queda escada abaixo (crise com conteúdo de coito e castração). (Guedes, 1978, p. 604)

Mais adiante: “uma recordação encobridora: surpreendeu o pai no pátio da casa; o mesmo, ao ser surpreendido, fechou o livro e retirou-se olhando o paciente – que então tinha cinco anos – encolerizado; tal recordação parece encobrir uma observação da cena primária” (p. 604).

Esse possivelmente veio a ser um dos inúmeros casos estudados por Mário no Hospital São Pedro, que, juntamente com dois casos de análise, forneceram o material clínico para seu original estudo sobre a relação entre a cena primária e a epilepsia, com que se tornou membro da Associação Psicanalítica Argentina (APA).

Com a volta de Jaime José Lemmertz, de Buenos Aires, em 1949, foi possível iniciar o ensino sistemático de psicanálise, com seminários e supervisões. Cyro trilhou o mesmo caminho, voltando para Porto Alegre em

1955. Com a chegada de Celestino Prunes, do Rio de Janeiro, em 1952, completou-se o quarteto que fundaria a Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA, 2014).

Em 1957, foi fundado o Centro de Estudos Psicanalíticos, presidido por Mário, que também contava, como fundadores, José Lemmertz, Celestino Prunes, Cyro Martins, Gunther Wurth, Ernesto La Porta, Roberto Pinto Ribeiro, José Maria Santiago Wagner, José de Barros Falcão, Avelino Costa, Paulo Vianna Guedes, David Zimmermann, Manoel Antonio de Albuquerque, Luiz Carlos Meneghini, Sérgio Paulo Annes, Leão Henrique Knijnik, Fernando Guedes e Zaira Bittencourt Martins. O Centro de Estudos foi registrado em 1960 e, em 1961, foi reconhecido pela IPA (International Psychoanalytical Association), sob o patrocínio da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro. Em 1963, no congresso de Estocolmo, a IPA reconhece a Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. Não é difícil imaginar a emoção e a alegria de Mário, Zaira, Paulo, David, Wagner, no Edifício do Parlamento, em Estocolmo. A primeira Diretoria tinha Mário como presidente e Roberto Pinto Ribeiro como secretário; já a segunda, por dois mandatos, foi presidida por Cyro, tendo como secretário Wagner.

Nos relatos que ouvi, fica evidente que esse período anterior ao reconhecimento pela IPA foi marcado por avanços, recuos, dificuldades, frustrações, viagens custosas e desgastantes, até ser atingido o objetivo. Nas palavras de Cyro:

em todas essas investidas, o Mário esteve sempre presente, capitaneando o grupo.

Ágil nas investidas e corajoso, demonstrando que não estava disposto a levar desaforo para casa, suas intervenções, incisivas e lógicas, de acordo com sua maneira de agir em todo o resto na vida, acabaram nos levando até lá, à dignidade da Sociedade Psicanalítica. (1993, p. 142)

Avocação de pioneirismo de Mário Martins levou-o a ser o primeiro presidente da ABP/FEBRAPSI, de 1967 a 1969, tendo como secretário Roberto Pinto Ribeiro. Mário é hoje um dos presidentes honorários da FEBRAPSI, e a cada congresso é entregue um prêmio que leva seu nome.

Ao longo desse percurso, desde 1963 até os dias de hoje, observa-se um enorme desenvolvimento das instituições e das ideias psicanalíticas em nosso estado, o que torna praticamente impossível mapear, em extensão e profundidade, o alcance do enorme trabalho de nossos pioneiros e seus seguidores. Cabe destacar, além disso, que estou me referindo ao que ocorre na psicanálise vinculada à IPA, sem desconhecer que existem, no estado, outras instituições psicanalíticas também de ampla presença no cenário contemporâneo.

Alguns desenvolvimentos da psicanálise

Como vimos, a psicanálise, no Rio Grande do Sul, surgiu fortemente relacionada com a psiquiatria e, ao longo das décadas, continuou mantendo esse frutífero diálogo. De 1950 a 1969, o catedrático interino de psiquiatria era Paulo Guedes, também professor de violino; ele era um docente talentoso

e estimulante, que ensinava aos estudantes as bases da psicanálise com graça e elegância. Em 1957, surgiu no Hospital São Pedro o Curso de Especialização em Psiquiatria, coordenado por Paulo e David Zimmermann, discípulos de Mário Martins. Estruturado em bases psicanalíticas, o Curso passou a ter como sede, na década de 60, a Divisão (depois Centro Psiquiátrico) Melanie Klein. Com a morte prematura de Paulo Guedes, coube a Zimmermann, com sua grande capacidade de trabalho e de agregar colegas e alunos, a tarefa de coordenar o Curso e o Centro Psiquiátrico, que era um polo de formação para médicos, psicólogos, assistentes sociais, enfermeiros e demais membros da saúde mental. Vários psicanalistas, quase todos professores da Faculdade de Medicina da UFRGS, trabalhavam na saudosa Melanie ou supervisionavam seus residentes: Roberto Pinto Ribeiro, Luiz Carlos Meneghini, Isaac Pechansky, Moysés Roitman, Germano Vollmer, Romualdo Romanowski, Odon Cavalcanti. Outro importante polo formador, a partir dos anos 60, foi a Clínica Pinel, que utilizava conceitos psicanalíticos e os de comunidade terapêutica; ela foi fundada e dirigida por Marcelo Blaya Perez, também discípulo de Mário.

Ainda na década de 50, foi fundado o Centro de Estudos Luís Guedes (CELG), que, por iniciativa de Paulo, passou a organizar as Jornadas Sul-Rio-Grandenses de Psiquiatria Dinâmica, que continuam a ser realizadas a cada dois anos. Esse é um

dos principais eventos regionais da área de saúde mental, reunindo sempre centenas de participantes e integrando a psicanálise com as demais correntes do pensamento psiquiátrico. Recentemente, foi realizada a 28.^a Jornada, tendo como conferencista principal Virginia Ungar, futura presidente da IPA.

A partir de meados da década de 80, uma segunda geração de psicanalistas passou a assumir as responsabilidades pelo Departamento de Psiquiatria e Medicina Legal e seus serviços, incluindo o Centro de Estudos. Sob a liderança de Sérgio Machado, Sidnei Schestatsky, Rogério Aguiar, Paulo Soares, Cláudio Eizirik e Maria Lucrécia Zavaschi, o Departamento instalou-se no Hospital de Clínicas de Porto Alegre, onde foram criados, sucessivamente, o Serviço de Psiquiatria, o Serviço de Psiquiatria da Infância e da Adolescência, e o Serviço de Dependências Químicas. O Centro de Estudos criou o Curso de Especialização em Psicoterapia Dinâmica, o Curso de Especialização em Psicoterapia Dinâmica da Infância e da Adolescência, e o Curso de Supervisão em Psicoterapia Psicanalítica. Em todas essas atividades, psicanalistas ligados à SPPA coordenam seminários e dão supervisões. Em 2000, sob a coordenação de um dos referidos professores, foi criado o Programa de Pós-Graduação em Psiquiatria, do qual consta, desde o início, uma linha de pesquisa sobre psicoterapias psicanalíticas: estudos de processo e efetividade.

Reunindo trabalhos e estudos produzidos pelos membros do Departamento, do CELG, da SPPA, e por alguns dos principais autores analíticos contemporâneos (Kernberg, Gabbard, Fonagy, Aisenstein, Person, Solms, Wallerstein, Widlöcher, Bernardi, Tyson, Rocha Barros, Cassorla), Eizirik, Aguiar e Schestatsky organizaram o livro *Psicoterapia de orientação analítica: fundamentos teóricos e clínicos* (1989/2015), que tem sido amplamente utilizado em todo o Brasil, em cursos de graduação e pós-graduação em psicologia, medicina, psiquiatria e outras áreas da saúde mental.

Sob o patrocínio da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ), um grupo de psicanalistas, Sérgio Roberto Abuchaim, Paulo Luis Rosa Sousa, Alberto Abuchaim e Bruno Salésio Francisco, fundou, em maio de 1987, o Núcleo Psicanalítico de Pelotas, que foi reconhecido como Grupo de Estudos Psicanalíticos pela IPA, no congresso de Montreal, em 1988. Depois de terem sido cumpridas todas as etapas necessárias, a IPA reconheceu a Sociedade Psicanalítica de Pelotas como Sociedade Componente em 2004, no congresso de New Orleans. Além de formar candidatos, a Sociedade realiza diálogos interdisciplinares, e vários de seus membros trabalham em universidades e ministram aulas sobre psicoterapia na Sociedade Científica Sigmund Freud (FEBRAPSI, 2015).

No segundo semestre de 1989, um grupo de psicanalistas que haviam realizado sua formação na APA, APdeBA (Associação Psicanalítica de Buenos Aires), SPPA e SBPRJ começou a debater a criação de uma nova Sociedade Psicanalítica em Porto Alegre.

Os analistas oriundos das duas Sociedades argentinas haviam fundado, em 1984, o Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre (CEPdePA), e os oriundos da SPPA, dois anos depois, a Fundação Universitária Mário Martins (FUMM), com cursos e residência médica em psiquiatria e psicoterapia analítica para médicos e psicólogos. Os membros fundadores da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA) são: Alberto Abuchaim, Ana Rosa Chait Trachtenberg, Antonio Luiz Bento Mostardeiro, David Zimmermann, Gildo Katz, Gley Silva de Pacheco Costa, Izolina Fanzeres, José Facundo Passos de Oliveira, José Luiz Freda Petrucci, Júlio Roesch Campos, Leonardo Adalberto Francischelli, Lores Pedro Meller, Luiz Gonzaga Brancher, Marco Aurélio Rosa, Newton Maltchik Aronis, Renato Trachtenberg e Sérgio Dornelles Messias.

Depois de vencer todas as etapas necessárias, a Sociedade foi reconhecida como componente da IPA no congresso de Nice, em 2001. Além da formação de analistas, a SBPdePA realiza inúmeras atividades, como A Brasileira na Cultura, oferece o Curso de Pós-Graduação em Psicanálise e Educação, mantém um Centro de Atendimento Psicanalítico, iniciou a formação de analistas de crianças e adolescentes, publica o *Jornal da Brasileira* e a revista *Psicanálise*, e realiza anualmente o Encontro Brasileiro de Estudos sobre a Obra de Sigmund Freud (FEBRAPSI, 2015).

A Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre continuou se desenvolvendo, de forma qualitativa e quantitativa, na esteira do trabalho de seus pioneiros. Em 1989,

tardamente, foi aprovada a admissão de psicólogos para a formação analítica, o que significou uma aquisição de colegas qualificados e de grande capacidade clínica e teórica. Em 1993, passou a contar com a *Revista de Psicanálise da SPPA*, e mais adiante com um jornal impresso e um boletim eletrônico semanal, além de um Centro de Atendimento Psicanalítico. Desenvolve diversos trabalhos com a comunidade, como o programa de assessoria a escolas carentes do município (Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre), atividades culturais voltadas a literatura, cinema e teatro, bem como grupos de estudos para universitários. A Associação de Candidatos foi criada em 1998 e é muito ativa: realiza seu simpósio anual desde 2006, publica os anais com trabalhos de candidatos e promove a cada ano edições dos *working parties* da IPA para candidatos e membros (FEBRAPSI, 2015).

Numa pesquisa retrospectiva de todos os trabalhos para membro associado da SPPA, desde a década de 60 até o final da de 90, foi observado que houve modificações significativas na prática psicanalítica e nas bases teóricas que a fundamentam (Eizirik, Blaya Luz, Keidann, Iankilevich & Dal Zot, 1999). Constatou-se a dominância do modelo kleiniano nas décadas de 60 a 80, que nos últimos anos foi sendo substituído por um conjunto de influências pós-kleinianas, especialmente bionianas, winnicottianas e francesas contemporâneas (com destaque para Green e Laplanche),

além de um renovado interesse na obra de Freud. Ao longo das décadas, mantém-se a centralidade das interpretações transferenciais, decai a importância dos diagnósticos clínicos e aumentam os de estrutura de personalidade; a contratransferência cresce de importância e torna-se um instrumento central do processo analítico, relacionada aos trabalhos de Racker e à noção de *campo analítico* dos Baranger. O analista da última década estudada, comparado ao das anteriores, seguia considerando a realidade interna como essencial, mas considerava mais a realidade externa, estava menos centrado na interpretação da agressão e da transferência negativa, interpretava menos a sexualidade e mais a autoestima, perguntava mais e parecia escutar mais.

Minha própria avaliação, neste momento, é que a SPPA vive um período de expansão e pluralismo. A cada ano, um novo grupo de psicólogos e psiquiatras inicia sua formação, e as reuniões científicas e os trabalhos apresentados revelam que há um diálogo entre as principais correntes teóricas da psicanálise contemporânea. Há uma forte presença e influência de Bion e seus seguidores, como Meltzer, Ogden, Ferro, Grotstein, mas há também uma forte presença de Freud, de seus estudiosos e renovadores (Green, Laplanche, Marucco) e dos seguidores de Melanie Klein (Joseph, Segal, Rosenfeld, Steiner); uma menor presença de Winnicott e da psicanálise norte-americana, e uma discreta presença de Lacan.

A psicanálise em nosso estado encontra, além das entidades referidas, inúmeros cursos de especialização em psicoterapias analíticas (com a presença de analistas das três Sociedades filiadas à IPA), ambulatorios em que é praticada e ensinada a psicoterapia analítica nas principais universidades (entre as quais se observa uma sólida atividade desenvolvida pelo Departamento de Psiquiatria da Pontifícia Universidade Católica), pesquisas de mestrado e doutorado com conceitos psicanalíticos, e a presença na cena cultural.

Nas décadas recentes, vários analistas do Rio Grande do Sul estão presentes e muito ativos no cenário nacional, regional e internacional da psicanálise, ocupando cargos e funções de grande responsabilidade, produzindo e publicando trabalhos, capítulos e livros que revelam não só uma apreensão profunda dos conceitos psicanalíticos como também uma forma própria e algumas vezes criativa de abordar o fato clínico.

A recente visita de Stefano Bolognini, atual presidente da IPA, a Porto Alegre, foi organizada conjuntamente pelas três Sociedades, bem como o encontro dele com os candidatos. Fiquei observando a mesa de abertura dos trabalhos, com a presença dos três presidentes das Sociedades do estado. Depois das tensões, conflitos, algumas mágoas que acompanharam o suceder do surgimento das duas novas Sociedades, vivemos um momento de trabalho conjunto e cooperativo, em que se percebe a capacidade de integração de novas lideranças. Na saída, não pude deixar de olhar para as fotos de Mário e de Cyro: um que dedicou sua vida a formar

analistas, a analisar, supervisionar, dar seminários, defender, proteger e desenvolver a psicanálise; o outro que, além disso, foi a face da psicanálise no mundo da cultura, da arte, da sociedade. Um na cena

privada, outro na cena pública. Os dois criando um modelo integrado de ser psicanalista e de ser cidadão, de transitar entre ciência e arte, entre o rigor e o humor.

Os irmãos Martins pareciam satisfeitos.

El psicoanálisis en Rio Grande do Sul: Historia e historias

El autor relata episodios relevantes del surgimiento y desarrollo del psicoanálisis en Rio Grande do Sul, enfatizando el papel decisivo y complementario desempeñado por Mário Alvarez Martins y Cyro dos Santos Martins. Basado en testimonios de colegas, relatos objetivos de hechos y participantes y en sus propios recuerdos, destaca la relación del psicoanálisis con la universidad, la psiquiatría, la salud mental y la cultura, describe las principales influencias teóricas y clínicas a lo largo de las décadas y busca destacar los aspectos más importantes del momento actual.

PALABRAS CLAVE: psicoanálisis; historia del psicoanálisis; Mário Martins; Cyro Martins.

Psychoanalysis in Rio Grande do Sul: History and stories

The author narrates relevant events on the emergence and development of psychoanalysis in the Brazilian Estate of Rio Grande do Sul. He emphasizes the decisive and complementary roles Mário Alvarez Martins and Cyro dos Santos Martins played in that context. The author bases this paper on some of his colleagues' testimonies, on objective reports about facts and participants, and on his own memories. He emphasizes the relation between psychoanalysis and university, psychiatry, mental health, and culture, and describes the main influences, theoretical and clinical, on psychoanalysis throughout decades. The author also attempts to highlight the most remarkable aspects of nowadays psychoanalysis.

KEYWORDS: psychoanalysis; history of psychoanalysis; Mário Martins; Cyro Martins.

Referências

- Annes, S. P. (1999). Depoimento. In M. H. Martins (Org.), *Cyro Martins 90 Anos* (p. 49). Porto Alegre: CELPCyro Martins; IEL; CORAG.
- Ariès, P. (2006). *História social da criança e da família* (D. Flaksman, Trad.). Rio de Janeiro: Guanabara. (Trabalho original publicado em 1960)
- Cercas, J. (2012). *Anatomia de um instante* (A. Roitmann & M. A. Brum, Trans.). São Paulo: Globo.
- Costa, G. S. P. (1999). O tema da violência na obra do psicanalista Cyro Martins. In M. H. Martins (Org.), *Cyro Martins 90 Anos* (pp. 179-188). Porto Alegre: CELPCyro Martins; IEL; CORAG.
- Eizirik, C. L. (1999). Depoimento. In M. H. Martins (Org.), *Cyro Martins 90 Anos* (p. 84). Porto Alegre: CELPCyro Martins; IEL; CORAG.
- Eizirik, C. L. (2012). História, histórias, passagens da psicanálise brasileira. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 46(2), 77-81.
- Eizirik, C. L., Aguiar, R. W. de & Schestatsky, S. S. (Orgs.). (2015). *Psicoterapia de orientação analítica: fundamentos teóricos e clínicos* (3a ed.). Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 1989)
- Eizirik, C. L. & Armesto, M. S. (2005). Psychoanalysis in Latin America. In E. Person, A. Cooper & A. Gabbard (Eds.), *Textbook of psychoanalysis* (pp. 435-452). Washington; London: American Psychiatric Publishing.
- Eizirik, C. L., Blaya Luz, A., Keidann, C., Iankilevich, E. & Dal Zot, J. S. (1999). Algumas modificações na prática psicanalítica da SPPA: um estudo retrospectivo. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 6(2), 205-225.
- Faria, C. G. (1999). Depoimento. In M. H. Martins (Org.), *Cyro Martins 90 Anos* (p. 168). Porto Alegre: CELPCyro Martins; IEL; CORAG.
- Federação Brasileira de Psicanálise. (2015). *Relação de membros*.
- Guedes, F. L. V. (1978). Uma confraternização à sombra de um patriarca. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 12, 603-608.
- Ginzburg, C. (1988). *Os andarilhos do bem* (J. Batista Neto, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Gus, M. (1999). Depoimento. In M. H. Martins (Org.), *Cyro Martins 90 Anos* (p. 39). Porto Alegre: CELPCyro Martins; IEL; CORAG.
- Mabilde, L. C. (1999). Depoimento. In M. H. Martins (Org.), *Cyro Martins 90 Anos* (p. 150). Porto Alegre: CELPCyro Martins; IEL; CORAG.

- Martins, C. (1964). *Do mito à verdade científica*. Porto Alegre: Globo.
- Martins, C. (1993). *Caminhos: ensaios psicanalíticos*. Porto Alegre: Movimento.
- Martins, M. (1983). *Epilepsias e outros estudos psicanalíticos*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Martins, R. B. (1999). Cyro Martins: o psicanalista e o ficcionista no processo criativo. In M. H. Martins (Org.), *Cyro Martins 90 Anos* (pp. 119-134). Porto Alegre: CELPCyro Martins; IEL; CORAG.
- Meneghini, L. C. (1999). Cyro Martins. In M. H. Martins (Org.), *Cyro Martins 90 Anos* (pp. 13-20). Porto Alegre: CELPCyro Martins; IEL; CORAG.
- Pechansky, I. (1999). Cyro Martins, psicanálise e arte. In M. H. Martins (Org.), *Cyro Martins 90 Anos* (pp. 113-118). Porto Alegre: CELPCyro Martins; IEL; CORAG.
- Ribeiro, R. P. (2014). A psicanálise no Rio Grande do Sul. In Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, *Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre: 50 anos* (pp. 88-91). Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 1961)
- Scliar, M. (1999). O tríplice Cyro Martins. In M. H. Martins (Org.), *Cyro Martins 90 Anos* (pp. 21-28). Porto Alegre: CELPCyro Martins; IEL; CORAG.
- Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. (2014). *Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre: 50 anos*. Porto Alegre: Artmed.
- Universidade Federal do Rio Grande do Sul. (1933). *Livro de atas da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*.
- Vollmer Filho, G. (1995). Brazil. In P. Kutter (Ed.), *Psychoanalysis international* (Vol. 2, pp. 40-54). Stuttgart: Frommann-Holzboog.
- Zimmermann, D. (1983). Mário Alvarez Martins, 1908-1981. In M. Martins, *Epilepsias e outros estudos psicanalíticos* (pp. 7-16). Porto Alegre: Artes Médicas.

Cláudio Laks Eizirik
Rua Marquês do Pombal, 783/307
90540-001 Porto Alegre, RS
Tel.: (51) 3224-4364
ceizirik.ez@terra.com.br